

HISTÓRIA DA ARTE OCIDENTAL

UM AUTOR UMA OBRA

José Manuel Russo [2022]

03

A MESOPOTÂMIA

*Portas de Balawat, séc. IX a.C. * British Museum, Londres, 2019 © j.m.russo*

BIBLIOGRAFIA

BAYER, Raymond — *HISTÓRIA DA ESTÉTICA*, Editorial Estampa, Lisboa, 1978

GOMBRICH, E. H. — *THE STORY OF ART*, Phaidon Press, Oxford, 1972

HAUSER, Arnold — *HISTÓRIA SOCIAL DA ARTE E DA CULTURA* 1, Estante Editora, Aveiro, 1989

HUYGHE, René (ed.) — *ART AND MANKIND* (VOL. 1), Hamlyn, London, 1962

JANSEN, H. W. — *HISTÓRIA DA ARTE*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972

MOSCATI, Sabatino — *COMO RECONOCER EL ARTE MESOPOTAMICO*, Editorial Médica y Técnica, Barcelona, 1980

READ, Herbert — *O SIGNIFICADO DA ARTE*, Editora Ulisseia, Lisboa, 1968

TRIADÓ TUR, Juan Ramón (coord.) — *TESOUROS ARTÍSTICOS DO MUNDO (VOL.2) — DA ARTE MESOPOTÂMICA À PRÉ-HELÉNICA*, Ediclube, Amadora, 2007

ÍNDICE

TEMPLO BRANCO , CA. 3.500 — 3.000 AC. PERÍODO DE URUQUE	01
ESTANDARTE DE UR , CA. 2.600 AC. I DINASTIA DE UR	02
INTENDENTE EBIH-IL , CA. 2.340 AC. II REINO DE MARI	03
ESTELA DE NARAM-SIN , 2.254 — 2.218 AC. I DINASTIA DE ACÁDIA	04
PATESI GUDEIA , 2.144 — 2.124 AC. II DINASTIA DE LAGASH	05
ESTELA DO CÓDIGO DE HAMURABI , CA. 1.760 AC. I DINASTIA DA BABILÓNIA	06
KUDURRU DE MELI-ŠIPAK , 1186 — 1172 AC. DINASTIA CASSITA ou III DINASTIA DA BABILÓNIA	07
OBELISCO DE ŠALMANESER III , 827 — 824 AC. DINASTIA ADASI	08
CAÇADA AO LEÃO , 645 — 635 AC. DINASTIA SARGÓNIDA	09
PORTA DE ISHTAR , 575 AC. XI DINASTIA DA BABILÓNIA	10



Zigurate de Ur-Nammu (reconstruído)



Estela de Sargão

Mapa da Mesopotâmia



A **Mesopotâmia** compreende o estudo da civilização localizada na região da Ásia Ocidental situada entre os rios Tigre e Eufrates, daí a sua designação “Entre Rios”. A Mesopotâmia ocupa a maior parte do atual Iraque e do Kuwait, assim como da Síria e do Irão.

Sendo uma civilização marcada por vários povos — sumérios, acádios, amoritas, assírios, elamitas e caldeus — que dominavam pequenos estados centrados numa cidade-estado, nunca alcançou a unidade política do Egito. Por vezes, as guerras e as alianças entre os povos estabeleciam impérios mais alargados mas de curta duração.

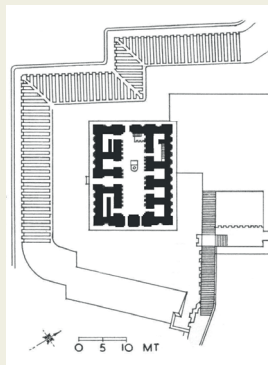
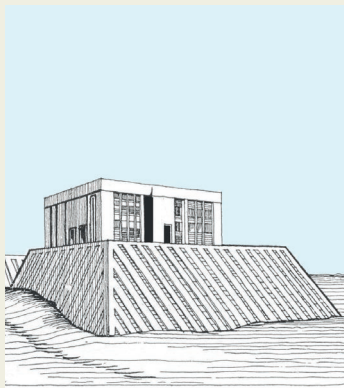
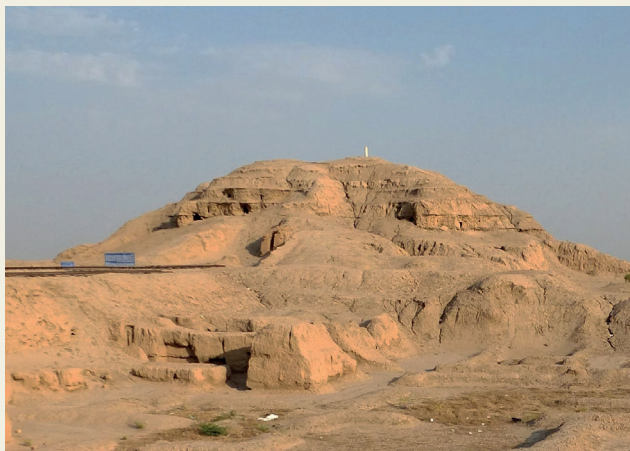
A História da Mesopotâmia fica também marcada pelo surgimento de uma escrita ideográfica que evoluiu para a escrita fonética — escrita *Cuneiforme* — que contribuiu tanto para o desenvolvimento das actividades económicas como para o estabelecimento de leis, as primeiras da cultura ocidental. Esta escrita, criada pelos Sumérios cerca de 3.500 a.C., era realizada sobre argila com uma cunha, adquirindo a forma de “peixe”. Esta técnica permitiu-lhes ainda criar carimbos em forma de cilindro, servindo para identificar as mercadorias ou como objectos votivos.

A Arte da Mesopotâmia abrange a arquitectura, a escultura, a pintura e as artes menores — que a ausência de materiais duráveis na região, como a pedra, dificulta o seu estudo.

A religião não teve o impacto nesta civilização como no Egito, no entanto, tiveram os seus deuses que, por vezes, eram assimilados pelas diferentes culturas — **An** (ou **Anu**, em acádio) é o deus dos céus, o deus dos deuses, **Enlil** o deus do vento e das tempestades, **Enki** (ou **Ea**) o deus das águas subterrâneas, **Inanna** (ou **Ishtar**) a deusa do amor e da guerra, **Utu** (ou **Shamash**) o deus do sol e da justiça, **Marduk** o deus supremo dos babilónios.

Cronologia

• Origens	— culturas Hassuna-Samarra e Halafé;	7.000 — 5.500 a.C.
• Período de al-Ubaide	— Tel al-Ubaide, Eridu;	5.500 — 4.000 a.C.
• Período de Uruk	— Uruk;	4.000 — 2.900 a.C.
• Período Dinást. Arcaico	— Ur, Uruk, Quis;	2.900 — 2.350 a.C.
• Império Acádio	— Acádia;	2.350 — 2.160 a.C.
• Período Gútio	— Acádia;	2.199 — 2.119 a.C.
• Dinastia III de Ur	— Ur;	2.110 — 2.000 a.C.
• Império Babilónico	— Babilónia;	1.894 — 1.590 a.C.
• Império Neo-Assírio	— Assur, Nínive;	911 — 609 a.C.
• Império Neo-Babilónico	— Babilónia.	612 — 539 a.C.



Cronologia

4000 a.C. – **Período de Uruque** – Ziggurate de Anu;

3500 a.C. – Invenção da escrita cuneiforme;

3500 a.C. – 3000 a.C. – Templo Branco;

2900 a.C. – Fim do Período de Uruque.

«Ziggurate de Anu e o Templo Branco»

Uruk ou Warka, ou Ereque segundo a Bíblia, foi uma cidade suméria, a mais antiga de que se tem conhecimento, situada a este do rio Eufrates. Teve importante papel no desenvolvimento da civilização da Mesopotâmia, estando a ela associada o surgimento da escrita cuneiforme e o lendário rei Gilgamesh, quinto rei da primeira dinastia de Uruque, cujos feitos estão narrados no poema épico *Epopéia de Gilgamesh*.

A cidade, muralhada numa extensão de 9 km, constitui o princípio da sedentarização do Homem em cidades organizadas. A sua importância decaiu cerca de 2.000 a.C. mas sobreviveu até à era de Cristo durante o Império Parto.

Na arquitectura mesopotâmica destaca-se o *Ziggurate*, construção em adobe e tijolo com a forma de uma pirâmide truncada – é o caso do **Ziggurate de Anu** – que se acreditava ser a forma de ligar o céu e a terra, aliás, para os babilónios, era conhecido como *Etemenanki*, ou «Casa da fundação do céu e da terra».

Erguido no 4º milénio antes de Cristo, este seria o local habitado pelos deuses segundo as crenças dos habitantes de Uruque – **An** (ou **Anu**, em acádio) o deus dos céus, o Deus dos Deuses, **Enlil** o deus do vento e das tempestades e **Enki** (ou **Ea**) o deus das águas subterrâneas, eram os principais deuses do Panteão.

Um sistema de escadarias, normalmente duas laterais (até à metade da altura do ziggurate) e uma frontal, davam acesso a uma plataforma com terraços no seu topo, onde se erguia o templo dedicado a um deus.

Assim, o **Templo Branco**, dedicado a Anu, ergue-se sobre o **Ziggurate de Anu**, um maciço construído em adobe com revestimento de tijolo cozido, que, segundo relatos históricos, seria constituído por sete camadas multicoloridas. O Templo, de proporções harmoniosas, seria integralmente pintado de branco, daí a sua designação.

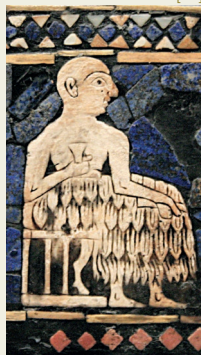


[1A]



British Museum, Londres, 1980 © j.m.russo

[1B]



[1C]

Cronologia

2900 a.C. — **Período Dinástico Arcaico;**

2700 a.C. — Supremacia de Quis por *Enmebaragesi*;

2600 a.C. — Supremacia de Ur por *Mesaneпада*;

2350 a.C. — Fim do Período Dinástico Arcaico.

«Estandarte de Ur»

A cidade-estado de Ur, situada na foz do rio Eufrates, assume a supremacia da Mesopotâmia em meados de 2.600 a.C. com *Mesaneпада*, segundo a *Lista de Reis da Suméria*. No entanto, as escavações realizadas na necrópole real da cidade revelaram *A-Imdugud* como primeiro rei da 1ª dinastia de Ur, seguido de seu filho *Ur-Pabilsag*. Com a 3ª dinastia, estabelecida por Ur-Nammu, atinge um período áureo, entrando em declínio após o fim desta, apesar da importância estratégica da sua localização.

O **Estandarte de Ur** foi descoberto por Sir Leonard Woolley 1927-28 numa câmara de um dos maiores túmulos reais de Ur, denominado PG 779, associado a *Ur-Pabilsag*, segundo rei da 1ª dinastia de Ur que morreu por volta de 2550 a.C. Por ter sido encontrado junto a um homem que aparentava segurar uma vara, o artefacto foi identificado como um estandarte, facto que nunca foi comprovado. Com a forma de uma caixa de secção em trapézio de madeira, que o tempo deteriorou, as suas faces apresentam três bandas de incrustações em mosaico de conchas, calcário vermelho e lápis-lazúli, aglutinados por um betume. Os lados maiores, foram identificados como:

Painel da guerra [1A] — o rei é representado em maior dimensão ao centro da faixa superior, ladeado pelos guarda-costas, um carro puxado por equídeos e uma fila de prisioneiros nus; na faixa do meio, oito soldados conduzem uma batalha e capturam vários inimigos; na faixa inferior, quatro carros de batalha sumérios com um soldado e o condutor, numa sequência de movimento acelerado, atropelando os soldados inimigos;

Painel da paz [1B] — descreve um banquete, com o rei *Ur-Pabilsag* [1C] representado sentado no registo superior à esquerda, também em maior dimensão, tendo à sua frente um grupo de convivas sentados, de taça na mão, e dois músicos na extrema direita; no registo central, vários homens trazem animais para a festa, peixes, bovinos e cabras e, no registo inferior, sacolas com produtos agrícolas e equídeos.



Cronologia

- 2900 a.C. — **Período Dinástico Arcaico**;
 2500 a.C. — II Reino de Mari, reconstruída por *Ansud* (?);
 2290 a.C. — Fim do II Reino de Mari com *Ishqi-Mari* (?);
 2350 a.C. — Fim do Período Dinástico Arcaico.

«Intendente Ebih-il»

A escultura votiva do **Intendente Ebih-il** foi descoberta em 1934 pelo arqueólogo francês André Parrot no *Templo de Ishtar* em Mari, cidade situada a oeste do rio Eufrates, na região norte da Mesopotâmia, actualmente na Síria, habitada por semitas de origem eblaita e acácia, que floresceu cerca de 2.900 a.C. tornando-se num importante centro comercial, por ela passavam os materiais de construção necessários aos sumérios. Nela se construíram grandes palácios e santuários numa integração do espaço civil com o espaço sagrado. Após uma primeira destruição por Sargão, em 1760-1755 a.C. Mari foi arrasada por Hammurabi.

Realizada em diferentes materiais — gesso ou alabastro, argilas de xisto, conchas e lápis-lazúli — a escultura representa o **Intendente Ebih-il**, alto dignitário de Mari, de cabeça rapada sentado num assento feito de esteiras cosidas, usando um *kaunakès*, saiote em pele de ovelha, amarrada atrás na cintura por um cinto; as sobrançelas estão unidas ao centro, os olhos grandes são contornados a preto, a sua barba compõe-se de longos caracóis perfurados, que possuiriam incrustações de outro material, os lábios são finamente esculpidos com um ligeiro sorriso; suas mãos unidas ao peito, a mão direita sobre a mão esquerda fechada, aparentam uma pose de oração. A escultura foi encontrada com pernas, removidas nos anos '50.

Sobre a omopla direita existe uma incisão de cinco faixas em caracteres cuneiformes — «Esta estátua, Ebih-il, o intendente, a Ishtar (?), dedicou».

Apesar de Mari não pertencer ao mundo sumério, a escultura apresenta todas as características físicas sumérias — a cabeça rapada, as sobrançelas unidas, a barba em caracóis, o sorriso e as mãos em oração. Outro aspecto a evidenciar é o tratamento geométrico dado às formas que se enquadram num conjunto cilíndrico, consequência do material mais maleável utilizado na escultura, contrariamente às formas cúbicas da escultura egípcia, assim como as proporções do corpo relativamente à sua altura mais reduzida.



[1]



[1A]



[1B]



[1C]

Cronologia

- 2334 a.C. — **Império Acádio**, fundado por *Sargão*, o Grande (ca. 2300 – 2215 a.C.);
- 2278 a.C. – 2269 a.C. — Reinado de *Rimush*, filho de Sargão;
- 2269 a.C. – 2255 a.C. — Reinado de *Manishtu*, filho de Sargão;
- 2255 a.C. – 2218 a.C. — Reinado de *Naram-Sin*, filho de Manishtu;
- 2160 a.C. — Fim do Império Acádio com *Shu-turul*.

«Estela de Naram-Sin»

Sargão I, o Grande, patési de Acádia, põe fim à decadência das cidades-estados sumérias: sobe ao poder em 2334 a.C. e funda o primeiro império do Médio Oriente que viria a estender-se do Mar Mediterrâneo ao Irão, embora mantivesse no poder os reis sumérios nas suas cidades-estados, agora como seus súbditos e tributários.

Naram-Sin, neto de Sargão, clamou para si o estatuto de divindade «Deus da Acádia» e «Rei dos quatro cantos da terra, Rei do Universo», e expandiu o Império com novas conquistas.

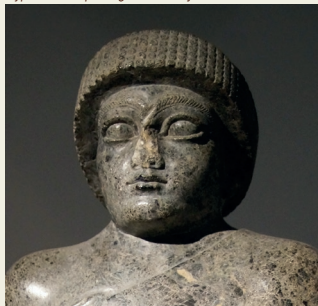
A **Estela de Naram-Sin** [1], comemorativa da vitória sobre os *Lulubi*, descoberta em 1898 por Jacques de Morgan, em Susa. Originalmente, a estela encontrava-se em Sippar, mas foi levada por *Shutruk-Nahhunte*, mil anos depois, conforme foi descrito em adenda na própria escultura.

Imortalizando a conquista da cordilheira de Zagros, no actual Irão, *Naram-Sin* é representado no topo como rei divino, usando o capacete com chifres, tendo a montanha na sua frente e os três sóis (um deles danificado) representativos de Shamash; sem piedade, o rei espezinha os desordenados soldados *Lulubi* [1A]; abaixo, duas filas de soldados marcham para a vitória [1B]; à direita, o rei derrotado, *Sutuni*, pede clemência [1C]. O baixo-relevo contém ainda duas inscrições: a original de Naram-Sin, abaixo dos sóis, em acádio bastante danificado — «*Naram-Sin o poderoso [...] Sidor e Sutuni, príncipes de Lulubi, reuniram-se e fizeram guerra contra mim.*» — e a adicionada em elamita por *Shutruk-Nahhunte* quando derrotou os Acádios, inscrita na montanha [1C] — «*Eu sou Shutruk-Nahhunte ... Quando o Deus Inshushinak me deu a ordem, derrotei Sippar. Peguei na estela de Naram-Sin e levei-a para a terra de Elam. Por Inshushinak, meu Deus, eu o pus como uma oferenda.*»

No estilo de representação há a destacar a composição em diagonal, pouco comum na arte desta época, o que se poderá justificar com o simbolismo da subida das montanhas, em direcção aos deuses e a situação de Naram-Sin como conquistador vitorioso.



Glyptoteket, Copenhagen, 2018 © j.m.russo



Cronologia

- 2230 a.C. — II Dinastia de Lagash, fundada por *Lugal-Ushumgal*;
- 2199 a.C. — 2119 a.C. — Domínio Gútio com *Inkishush*;
- 2157 a.C. — 2144 a.C. — Reinado de *Ur-Baba*;
- 2144 a.C. — 2124 a.C. — Reinado de *Gudeia*;
- 2112 a.C. — Fim do Domínio Gútio com *Tirigan*;
- 2110 a.C. — Fim da Dinastia de Lagash com *Nammahani*.

«Patesi Gudeia»

Com o colapso do Império Acádio, destruído pelos Gúlios, a cidade-estado de Lagash, situada na margem do rio Tigre, adquire quase simultaneamente a independência e domínio em meados de 2.150 a.C. com a 2ª dinastia de Lagash de *Ur-Baba*. Sucede-lhe *Gudeia*, que se casou com a sua filha, *Ninalla*, como governante, *Patesi* ou *Ensi*, que reinou por volta de 2080-2060 a.C. (cronologia curta) ou 2144-2124 a.C. (cronologia média), trazendo grande desenvolvimento económico à cidade — foi o período áureo de Lagash.

O **Patesi Gudeia** foi o governante mais representado da cultura mesopotâmica. Em vários templos de Girsu (actual Telloh, no Iraque) foram encontradas 26 estátuas, algumas em calcário, esteatite ou alabastro, e muitas em diorite, pedra mais cara importada de Magan.

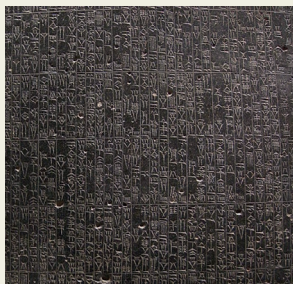
As primeiras onze esculturas, catalogadas de A a K, foram descobertas por Ernest de Sarzec, entre 1880 e 1901, e depositadas no Museu do Louvre — entre elas, a mais divulgada estátua de Gudeia sentado. As restantes resultaram de escavações clandestinas.

A escultura encontrada em Girsu em 1924, catalogada O, representa o **Patesi Gudeia** de pé, usando um gorro e uma longa túnica, de mãos unidas em pose de oração, a mão direita sobre a mão esquerda fechada. Sobre o vestuário existe uma inscrição que contém uma dedicatória — a *Geshinanna*, deusa da agricultura, da fertilidade e da interpretação dos sonhos — e refere outros aspectos relacionados com o comércio, o governo e a religião.

Neste período, também designado por Neo-Sumério, reflecte-se o estilo de representação que não diverge do estilo da estatutária suméria, seja nas feições do rosto de Gudeia — olhos grandes, sobrelhas em arco unidas, ligeiro sorriso, que neste exemplar não é tão evidente — seja na desproporção entre a altura e a largura do seu corpo.



Pergamonmuseum, Berlim, 2007 © j.m.russo



Cronologia

1894 a.C. – I Dinastia da Babilónia, fundada por *Sumu-Abum*;

1792 a.C. – 1750 a.C. – Reinado de *Hamurabi* (ca. 1810 – 1750 a.C.);

1590 a.C. – Fim I Dinastia da Babilónia com *Samsu-Ditana*.

«Estela do Código de Hamurabi»

Hamurabi, sexto rei amorita da I Dinastia da Babilónia, surge numa fase em que a desordem reina na Mesopotâmia, correspondente à invasão dos Hicsos ao Egipto. Após uma série de conquistas e alianças bem sucedidas, *Hamurabi*, dando continuidade à tradição suméria, assume a missão de fazer reinar a justiça na Terra, tornando-se representante do deus-Sol *Shamash*.

Assim, surge a **Estela do Código de Hamurabi**, um monólito de basalto ou diorite com inscrições em dialeto babilónico do Acádio (sendo o texto legal mais longo, bem organizado e preservado do antigo Médio Oriente), descoberta por Jacques de Morgan em 1901, em Susa, capital de Élam, actual Irão, embora se pense que estaria originalmente no templo de Shamash, em Sippar.

O topo da Estela apresenta em baixo-relevo uma cena entre o rei *Hamurabi* e o deus-Sol e da Justiça *Shamash* – o rei, de pé, usando barba longa, um gorro tradicional e uma túnica de pregas, ergue a mão direita como quem fala com Shamash, sentado num trono, com os raios solares saindo das suas costas, segurando o bastão e um objecto circular, usando o chapéu divino de chifres e os pés sobre três camadas «as montanhas».

Abaixo do relevo estão cerca de 4130 linhas de texto cuneiforme em estilo poético – um prólogo (300 linhas) relata a autoridade real de Hamurabi como «grande Juiz do Céu e da Terra»; um epílogo (500 linhas) expressa o cumprimentos da leis por si estabelecidas «para evitar que os fortes oprimam os fracos» e a ira de Deus que recai sobre os que não a respeitem.

As leis, escritas em modo condicional («se»), organizam-se em diversos temas: Ofensas contra a Administração da Lei; Ofensas à propriedade; Terrenos e casas; Comércio; Casamento, família e propriedade; Assalto; Profissionais; Agricultura; Taxas de aluguer; Escravos.

O castigo pelo não cumprimento da lei resulta geralmente em igual pena à infracção, uma lei de «olho por olho, dente por dente».

O texto foi copiado, estudado e seguido na Mesopotâmia por mais de um milénio, existindo igualmente diversas cópias da Estela, estando a original no Museu do Louvre.



Cronologia

- 1595 a.C. — **Dinastia Cassita na Babilónia**, com *Agum II*;
 1186 a.C. – 1172 a.C. — Reinado de *Meli-Šipak*;
 1155 a.C. — Fim da Império Dinastia Cassita com *Enlil-nadin-ahhe*.

«Kudurru de Meli-Shipak»

Após o colapso da Babilónia pelos Hititas, os Cassitas, oriundos dos Montes Zagros, apoderaram-se da cidade, que denominaram Karduniaš, cerca de 1595 a.C. dando origem à dinastia mais longa da Babilónia. No entanto, com o crescente poder da Assíria, houve momentos de reinado assírio, fosse por alianças de casamento, fosse por intervenção militar.

Meli-Šipak ou Melišihu, 33º rei da dinastia Cassita ou III dinastia da Babilónia, reinou cerca de 1186 a 1172 a.C. (cronologia curta), após o qual apenas três governantes conseguiram segurar a independência antes de serem tomados pelos Elamitas.

O **Kudurru** surgiu como um monólito para assinalar a fronteira ou limite de uma propriedade ou território, contendo inscrições de carácter descritivo ou simbólico. O **Kudurru de Meli-Shipak**, encontrado por Jacques de Morgan em 1899 nas escavações de Susa, foi um marco comemorativo da doação de terras do rei a seu filho *Marduk-apla-iddina*.

A frente representa, em cinco bandas, 24 elementos divinos — *Sin* (lua), *Ishtar* (estrela), Shamash (disco solar); *Anu* e *Enlil* (templos de tiaras), *Ea* (antílope-peixe, carneiro), templo com voluta e adaga; *Ninurta* (dupla cabeça de leão), *Zababa* (cabeça de abutre), *Harbe* (deus cassita, pássaro), *Nergal* (cabeça de leão), dragão alado; *Marduk* (*mushmahhu* deitado), *Nabû* (dragão com chifres), *Gula* (cão); *Adad* (touro reclinado), carneiro com templo, *Nusku* (lamparina), arado, *Bau* (pássaro), *Šuqamuna* e *Šumalia* (pássaro no poleiro); templo, *Išaran* (serpente), *Ishara* (escorpião).

As outras três faces contêm inscrições estruturadas em 7 colunas e 387 linhas, em que, entre outros, refere — a localização, as terras comunais da cidade de Agade situada em torno do assentamento de Tamaku adjacente ao canal real em Bit-Piri'-Amurru, província no norte da Babilónia, a cedência de isenções de serviço e tributação para os residentes do território transferido, uma lista de funcionários proibidos de se apropriarem da terra e cobrar o trabalho com restrições baseadas na sua conduta, incluindo o próprio rei, o *šakin mati* (governador da terra) e o *pihatu* (cargo não identificado) de Bit-Piri'-Amurru.



British Museum, 2019 © j.m.russo

[1]



[2]



[2A]



[2B]

Cronologia

- 911 a.C. — Império Neo-Assírio, fundado por *Adad-nirari II*;
 883 a.C. — 859 a.C. — Reinado de *Assurnasirpal II*;
 859 a.C. — 824 a.C. — Reinado de *Salmaneser III*, filho de *Assurnasirpal II*;
 609 a.C. — Fim do Império Neo-Assírio com *Ashur-uballit II*.

«Obelisco de Salmaneser III»

Os assírios estabeleceram-se na Mesopotâmia em meados de 2500 a.C. em Assur. Após vários períodos ascendente e de decadência, *Adad-nirari II*, em 911 a.C., dá início ao Império Neo-Assírio, o maior até então, que se cobriu a região leste da Mesopotâmia à Ásia Menor e ao Egito. *Assurnasirpal II* muda a capital da Assíria para Nimrud.

Salmaneser III, com o reinado mais longo, continuou as campanhas de expansão. No final da sua vida, viu o Império ameaçado pelo seu filho primogênito *Ashur-nadin-aplu*, que foi anulado por *Shamshi-Adad V*, seu segundo filho, que o sucedeu.

Descoberto pelo arqueólogo Sir Austen Henry Layard em 1846 em Nimrud, o **Obelisco de Salmaneser III** [1], erigido pouco antes da sua morte, relata as campanhas militares sobre as regiões subjugadas, exibindo os tributos trazidos de todas as direcções, identificadas com legendas acima deles — de cima para baixo: 1. *Sua* (Gilzanu, Irão ocid.); 2. *Jehu* (Israel); 3. um rei (talvez de Musri, Irão orient.); 4. *Marduk-apil-usur* (Suh, Eufrates médio); 5. *Qalparunda* (Patina, sul da Turquia). No **Lado B** [2] estão representados:

1. dois oficiais assírios, um criado estrangeiro e um cavalo ricamente arreado [2A];
2. dois oficiais assírios e três transportadores de tributos (prata, ouro, vasos de ouro, lata);
3. animais exóticos: um búfalo de água, um rinoceronte indiano e um antílope;
4. quatro transportadores de tributos (prata, ouro, byssus [têxtil], vestimentas multicoloridas e linho);
5. dois oficiais assírios apresentam três transportadores com o tributo de Patina [2C].

Na parte superior e inferior de cada face existem inscrições cuneiformes das campanhas militares de *Salmaneser III* e do seu comandante-chefe, *Dayyan-Assur*, relativas a cada ano, até o trigésimo primeiro ano de reinado. Pelas suas características, pensa-se que o trabalho tenha sido encomendado pelo seu comandante-chefe.



[1]



[1A]



[1B]

Cronologia

- 911 a.C. – **Império Neo-Assírio**, fundado por *Adad-nirari II*;
 722 a.C. – **Dinastia Sargónida**, fundada por *Sargão II*;
 705 a.C. – 681 a.C. – Reinado de *Senaquerib*, filho de *Sargão II*;
 668 a.C. – 631 a.C. – Reinado de *Assurbanipal*, neto de *Senaquerib*;
 609 a.C. – Fim do Império Neo-Assírio e da dinastia Sargónida com *Ashur-uballit II*.

«Caçada ao Leão de Assurbanipal»

Após a conquista do Egito por *Esarhaddon* (681 – 669 a.C.), o seu filho *Assurbanipal* consolida o Império colocando *Wahibre Psamtik I*, da XXVI Dinastia, como faraó do Egito e seu subdito. Foi o momento de maior poder conseguido pelos assírios. Mas, após duras batalhas e a morte de *Assurbanipal*, iniciar-se-ia o seu declínio até que *Ashur-uballit II* não resistiu à aliança entre Babilónios e Medos que o venceram na batalha de Haran em 609 a.C.

Nínive atingiu o esplendor durante o reinado de *Senaquerib* com novas avenidas e praças. Os palácios possuíam as portas principais flanqueadas de *Lamassus*, touros alados com cabeça humana e as paredes repletas de baixos-relevos que descrevem sobretudo cenas de guerra e caça.

No Palácio Norte de Nínive destacam-se os baixos-relevos de **Caçada ao Leão de Assurbanipal**, recuperados por *Hormuzd Rassam* e *William Loftus* em 1852-55.

O rei é representado em cenas organizadas em três bandas, referentes a diversos momentos da caça – a cavalo, atingindo um leão asiático com a lança [1] ou usando o arco e mastins para atingir cavalos selvagens [1], dirigindo-se aos servos e guerreiros libertando libações sobre os leões abatidos [1], a pé, espetando a sua espada no peito de um leão [1A], ou em carros de caça puxados por cavalos usando o arco e setas [1B].

O estilo de representação dá continuação à tradição suméria, nomeadamente na dinâmica das diferentes cenas descritas. No entanto, a escultura em alabastro, pedra abundante no norte da Mesopotâmia e muito utilizada pelos artistas assírios, permite explorar detalhes e aspectos decorativos no vestuário e no cabelo das figuras humanas ou na juba dos leões. O tratamento anatómico quer nos animais [1] quer nos homens é [2] evidente, com a musculatura por vezes trabalhada geometricamente. Também já se pode observar a representação do peito visto de lado e não de frente, como na arte suméria e egípcia.



Pergamonmuseum, 2007 © j.m.russo



[1A]



[1B]



[1C]



[2]

Cronologia

- 626 a.C. – **Império Neo-Babilónico**, fundado por *Naba-apla-asur* (Nabopolassar);
- 605 a.C. – 532 a.C. – Reinado de *Nabu-kudurri-usur* (Nabucodonosor II), filho de Nabopolassar;
- 539 a.C. – Fim do Império Neo-Babilónico com *Bel-shar-usur* (Belsazar).

«Porta de Ishtar»

O rei da Babilónia, *Nabopolassar*, numa aliança com os Medos, só em 609 a.C. conseguiu vencer os assírios, abrindo caminho ao império Neo-Babilónico. Seu filho, *Nabucodonosor II*, ou Nabucodonosor, o Grande, consolidou o império com a destruição de Jerusalém em 587 a.C., tornando-se o rei mais grandioso da Babilónia, não só militar como civilmente. Dos seus grandes projectos destacam-se o templo (Esagila) e o zigurate (Etemenanki) dedicados a Marduk, dois palácios, os Jardins Suspensos, a Avenida Processional e a Porta de Ishtar.

A **Porta de Ishtar**, a oitava porta do interior da Babilónia, situada a norte da cidade, constituída por dois edifícios [2] de duas torres e um arco, um menor [1] do que o outro, foi descoberta pelo arqueólogo alemão Robert Koldewey em 1904-14.

Dedicada à deusa babilónica *Ishtar*, deusa do amor e da guerra, equivalente a *Inanna* dos sumérios, a porta ligava a **Avenida Processional** à fachada principal do novo palácio com três pátios construído por Nabucodonosor II (o anterior fora totalmente destruído por Senaquerib).

A fachada foi revestida de tijolo vidrado azul de lápis-lazuli, decorada com linhas alternadas em relevo de *mushussu* (dragões) [1A], que representa o deus Marduk, e *auroques* (touro) [1B], símbolo de Adad, deus da chuva e das tempestades, e frisos com motivos geométricos e florões. Uma das paredes apresenta uma inscrição, também em tijolo vidrado, de 60 linhas em acádio – «*Nabucodonosor, rei da Babilónia, o Piedoso Príncipe nomeado pela vontade de Marduke... Eu deixo o templo de Esiskursiskur, o maior festival de casa de Marduk, o senhor dos deuses, um lugar de alegria e de júbilo para o menor e maior divindades, ser construído firme como uma montanha nos arredores da Babilónia de asfalto e tijolos queimados*». O edifício é encimado por merlões escalonados.

A Avenida Processional para fora da cidade, em direcção ao Templo e ao Zigurate dedicados a Marduk, tinha igualmente funções defensivas, pelo que era ladeada de uma muralha ligada a pequenas torres do lado da via. As suas paredes eram revestidas, no nível inferior, por uma banda de tijolo vidrado com representações em relevo de leões [1C], representativos de Ishtar.